

# As Vozes no Jornal da TVE 2ª Edição: uma análise da rotina de produção na emissora pública do Rio Grande do Sul

## Leandro Olegário

Doutorando em Comunicação pela PUC-RS. Mestre em Comunicação Social, jornalista e radialista. Atuou como repórter e apresentador em diferentes veículos dos grupos RBS, Bandeirantes, Record e Fundação Cultural Piratini. Com 13 anos de experiência no mercado, acumula importantes coberturas jornalísticas e prêmios. Atualmente é professor na Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Ritter dos Reis em Porto Alegre, RSE

**Resumo:** Este artigo apresenta a rotina de produção do programa Jornal da TVE 2ª Edição, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 19h30 na grade da Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, TVE. Adota-se a teoria do newsmaking para análise da rotina de produção e do corpus quatro edições de abril de 2015. A questão norteadora é: quem tem voz no telejornal de uma emissora pública? E vem acompanhada de questionamentos complementares acerca da proposta do estudo. Para isso, utilizam-se as técnicas de observação participante e pesquisa documental, além do referencial teórico. Percebe-se, preliminarmente, a dificuldade de contemplar a pluralidade da sociedade em detrimento ao discurso de fontes oficiais.

**Palavras-chave:** telejornalismo; newsmaking; fontes; tv pública.

## Abstract

This article presents the productive routines of Jornal da TVE 2nd Edition, which is transmitted Monday through Friday at 19:30 in the Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, TVE. We adopted the theory of newsmaking for analysis of productive routines and the corpus of four editions of April 2015. The main question is: who has a voice on the news of a public TV? And it comes with additional questions about the study proposal. For this, we use the participant observation and documentary research, besides the theoretical framework. It is clear, preliminarily, the difficulty of contemplating the plurality of society over the speech from official sources.

**Keywords:** TV News; newsmaking; sources; public TV

Aos 41 anos de existência oficial<sup>1</sup>, Televisão Educativa do Rio Grande do Sul, TVE, tem consolidada a sua importância histórica no desenvolvimento de programas e experimentações no âmbito regional. Pelas redações dos veículos de mídia impressa e eletrônica gaúchos, é praticamente impossível a existência de funcionários que não tenham trabalhado ou estagiado na emissora ou ainda atuando em programas inicialmente concebidos na TVE<sup>2</sup>. No entanto, a TVE ainda carece de estudos que permeiem a memória, a própria evolução tecnológica e as transformações na programação. Cabe à Fundação Cultural Piratini Rádio e Televisão<sup>3</sup>, FCP, manter a Rádio FM

1 Em 1961, o Governo Federal deu início ao processo de estruturação de uma rede de emissoras de televisão educativas em todo o território nacional. Em 1968, é criada a emissora TVE, canal 7, no Rio Grande do Sul, com objetivo de ser um canal exclusivamente educativo. Disponível em < <http://www.fcp.rs.gov.br/> Acesso em: 20.05.2015.

2 O Governo do Estado e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul firmaram um plano de ação conjunta para o início de operações da TVE no campus da universidade. Essa parceria permitiu que a emissora, além de oferecer programação voltada à educação, servisse como um laboratório para os alunos do curso de jornalismo da instituição. Disponível em < <http://www.fcp.rs.gov.br/> Acesso em: 20.05.2015.

3 A concessão de televisão foi outorgada pela União ao Estado do Rio Grande do Sul em 1968. O Estatuto, aprovado pela Assembleia Legislativa na Lei 10.535 de 8 de agosto de 1995, a define como uma entidade de direito privado e sem fins lucrativos de administração direta.

Disponível em < <http://www.fcp.rs.gov.br/> Acesso em:

Cultura, 107,7, a TVE/RS, canal 7 em Porto Alegre. Sob a tutela da Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital do Governo do Estado, além da programação local, também são transmitidos programas da TV Brasil e TV Cultura, de São Paulo.

Sua missão é promover comunicação democrática e que propicie o acesso à informação, educação e cultura, estimulando a reflexão crítica da realidade. Além disso, sua programação tem o compromisso de incentivar a participação social, refletindo sua diversidade, expressões e seus anseios. O maior objetivo da Fundação é oferecer à população gaúcha uma comunicação cidadã e de qualidade. Mediante a produção de conteúdo adequado ao interesse do público, as duas emissoras contribuem significativamente para a geração de conhecimento, estabelecendo nexos não aparentes da realidade e oferecendo contrapontos à abordagem das emissoras de radiodifusão comerciais (SITEFCP, 2015).

Atualmente, o sinal da TVE chega a mais 6,5 milhões de telespectadores, por meio das suas 40 antenas repetidoras e sua geradora, localizada em Porto Alegre. Com o processo de digitalização<sup>4</sup>, com previsão institucional de conclusão em 2016, essa rede será recebida por mais de 8 milhões de pessoas, ou cerca de 80% da população do Estado, por meio de 66 aparelhos de repetição espalhados pelo Estado e pela ampliação da capacidade da geradora. Nessa perspectiva, a TVE torna-se a segunda maior emissora de televisão em alcance de audiência do Rio Grande do Sul. Para Barbeiro e Lima (2002), o compromisso de uma emissora pública é nítido e escapa da lógica comercial alicerçada sob o grande prisma da audiência:

As empresas públicas de comunicação são comprometidas com as grandes causas de sociedade, como a participação ativa em coberturas que visem à proteção de crianças, o incentivo da participação comunitária, a preservação do meio ambiente, do patrimônio histórico e cultural, entre outras iniciativas (BARBEIRO & LIMA, 2002: 38).

Este artigo pretende estudar a rotina de produção do Jornal da TVE 2ª edição, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 19h30 às 20h. Assim sendo, adota-se a teoria do *newsmaking* para análise da rotina de produção e do *corpus* – seleção aleatória dos dias 07,

20.05.2015.

4 Em 2012, houve a consignação do Ministério das Comunicações para transmissão digital pelo canal 30 UHF. No dia 1º de outubro de 2013, entrou no ar o sinal digital da emissora. O Carnaval de Porto Alegre de 2014 foi a primeira transmissão de conteúdo em alta definição.

08, 27 e 28 de abril de 2015. O questionamento norteador é: quem tem voz no telejornal de uma emissora pretensamente pública? A inquietação é acompanhada de perguntas complementares: quais os tipos de fontes presentes (com depoimentos/sonoras) nas reportagens? Qual a relação entre fontes (entrevistados) e editoriais (temática de conteúdo da reportagem)? Quais os desafios latentes à concepção do telejornal no prisma do Jornalismo Público? Para isso, utilizam-se as técnicas de observação participante e pesquisa documental, além do referencial teórico.

## A programação e o Jornal da TVE 2ª edição

A programação da emissora tem como premissa a valorização da nacionalidade brasileira, peculiaridades regionais e do folclore do Estado. E deve primar para a livre manifestação de pensamento, de criação, de expressão e de informação, sob qualquer forma, não praticando censura de natureza político-ideológico ou artística. A TVE atua de acordo com os princípios éticos definidos pela Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec).

Esses princípios regem, em resumo, a defesa da TV pública em sua integridade, de ação independente, plural e que valorize a criatividade e a inovação na produção de programas educativos e culturais. Dessa forma, a programação da TVE representa uma alternativa qualitativamente relevante para o seu público telespectador. Seus programas, muitos deles com mais de duas décadas de exibição, tem como base a integração e a inclusão social, sendo reconhecidos pela pluralidade, diversidade e valorização das culturas regionais e da identidade nacional (SITE FCP, 2015)<sup>5</sup>.

Um dos diferenciais apontados pela emissora é um conteúdo baseado em informação de qualidade, com relevância social e sem submissão às imposições mercadológicas, em respeito ao telespectador. E deixa explícito que não valoriza em seu conteúdo noticioso a violência ou qualquer tipo de exploração que conduza à desvalorização do ser humano. Propostas que vão ao encontro do que propõem Barbeiro & Lima (2002):

As empresas públicas de comunicação difundem o jornalismo de reflexão e não de reflexo, como objetivo de aprofundar o conhecimento da realidade, proporcionando o desenvolvimento do espírito crítico e estimulando uma participação política e social ativa. É uma contribuição para que o cidadão seja o sujeito e não o objeto da História (BARBEIRO & LIMA, 2002: 36).

5 Disponível em < <http://www.fcp.rs.gov.br/> Acesso em: 20.09.2015.

Nesse contexto, o Jornal da TVE 2ª Edição faz parte da grade da emissora há pelo menos duas décadas. A falta de registros históricos prejudica a definição exata da existência do programa, mas a memória de funcionários mais antigos da FCP remete à década de 1990 o surgimento de um telejornal noturno, com variações de horários, mas permanente na grade. Atualmente, o telejornal é exibido ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 19h30 às 20h. Segundo o site da emissora, o conteúdo do noticiário enfatiza o que acontece no Rio Grande do Sul e é aberto a todos os campos da informação: política, economia, cultura, comportamento, esportes e outros temas do cotidiano.

### O desafio da notícia no telejornalismo

As redações dos veículos de comunicação recebem centenas de informações diariamente. É preciso saber qual a proposta do veículo para determinar o que se fala e para quem. Cabe ao jornalista selecionar o que é ou não notícia para quem está do outro lado – ouvinte, leitor, telespectador – ainda que a influência das redes sociais pareça, por vezes, romper este dogma da profissão. Conforme (Curado, 2002:16), “a informação deve colaborar para produzir em nós um sentimento de inclusão social ou política, aumentando a nossa consciência acerca do que se passa nas nossas cercanias ou alhures”.

A mediação feita pelo jornalista entre a comunidade e a fonte de informação é extremamente poderosa. A televisão é referência única de grande parte da população que se atualiza pelos seus noticiosos. O telejornal, programa de notícia ou o noticiário está no ar com a missão de oferecer esclarecimentos sobre os fatos. O limite do jornalismo é a verdade (CURADO, 2002: 17).

Percebe-se nas principais redações de televisão do Rio Grande do Sul, por exemplo, que se houver dúvida na hora de decidir se é notícia ou não, o fato deve reunir pelo menos um dos aspectos: importante, raro, o último ou mais recente, trágico, o mais caro, acabou de acontecer, vai acontecer e o primeiro ou o maior. No entanto, essa linha de raciocínio, na emissora pública nem sempre se traduz em realidade. O objeto estudado aponta que a notícia veiculada tenha como elementos-chave: a proximidade e relevância política e/ou econômica. Ineditismo, interesse humano, drama, denúncia e entretenimento ficam em segundo plano na hora de estabelecer prioridade de produção, edição e veiculação.

A TV pública tem que lançar mão de todos os atrativos do bom jornalismo para conquistar a audiência, como objetividade, leveza, profundidade e agilidade. Seus programas devem atrair o telespectador com notícias que contem relevância, novidade, surpresa, beleza, enfim, tudo que possa fazer para que ele seja cativado por uma programação comprometida com a cidadania (BARBEIRO & LIMA, 2002: 37).

No caso específico do Jornal da TVE 2ª Edição, a intenção é exibir reportagens que tratem de política, econômica e, frequentemente, saúde. Cada editoria com um foco definido: política, as realizações e atividades do governo; economia, ênfase no impacto da macroeconomia no bolso do consumidor; e saúde, prestação de serviço e ações governamentais. O programa é composto por três blocos, com a média de 25 minutos de conteúdo informativo no total, além de cerca de dois minutos e 30 segundos diários destinados à previsão do tempo.

Todos os noticiários seguem uma mesma lógica de produção. Todos têm três blocos de informação separados por comerciais, cada bloco é formado por três a quatro VTs (matérias editadas com texto em off e entrevistas) ou notas cobertas (voz em off do locutor sob imagens editadas numa sequência lógica e cronológica), a figura do apresentador (ou âncora em alguns noticiários) que simboliza a estratégia dos noticiários, um mediador na relação com o mundo do telejornal, que na verdade, faz escolhas e julga, o tempo todo os fatos narrados (BECKER, 2005: 26).

Observa-se que a matéria veiculada no Jornal da TVE 2ª Edição recebe um tratamento e uma abordagem diferenciados da cobertura diária ou factual do telejornalismo comercial, cujo impacto e imediatismo são critérios-padrão na seleção dos acontecimentos, principalmente, envolvendo assuntos da área de segurança e política em Porto Alegre e do interior do Rio Grande do Sul. Por outro lado, nota-se uma prática pouco semelhante dos pressupostos do Jornalismo Público apresentados por Barbeiro e Lima (2002) que se orientaria por uma pauta pluralista. Sendo assim, cabe ou caberia ao Jornalismo Público:

- 1) buscar fontes alternativas e autônomas de saber para fundamentar as reportagens, como, por exemplo, as universidades;
- 2) não objetivar a conquista de mercado, por este motivo, poder se comprometer em exercer a busca do interesse público;
- 3) não se confundir com o assistencialismo e a filantropia;
- 4) superar os interesses privados, mercadológicos, governamentais e partidários, colocando o interesse

público sempre em primeira instância.

### News-making e a rotina de trabalho: Jornal da TVE 2ª Edição

Os estudos sobre *news-making*, como ressalta Mauro Wolf, estão ligados à sociologia das profissões, como no caso, o jornalismo. Conforme o autor (1995), a teoria articula-se em três panoramas: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. Essa teoria tem como foco a análise da produção de informações em notícias. Ou seja, parte do viés que o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial – tem procedimentos próprios e limites organizacionais.

A seleção de notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente. Os critérios devem ser fáceis e rapidamente aplicáveis, de forma que as escolhas possam ser feitas sem demasiada reflexão. [...] Para evitar o caos, a aplicação dos critérios relativos às notícias exige consenso entre os jornalistas e, ainda mais, exige uma organização hierárquica (WOLF, 1995:177).

Desse modo, as pesquisas de campo possibilitam a chamada observação participante<sup>6</sup>, quando o pesquisador faz parte à equipe pesquisada. É através da observação sistemática que os dados são colhidos, dialogando com os pesquisados, observando e registrando procedimentos. Assim sendo, procura demonstrar de que forma os acontecimentos cotidianos ganham espaço na mídia.

No horizonte do *news-making* se colocam, dentro de vários temas possíveis, os conhecidos estudos sobre *gatekeeping* ou filtragem da informação, que se distingue totalmente da censura, por sua perspectiva distinta da ideologia e mais vinculada às rotinas de produção da informação, verificáveis, assim, tanto entre a mídia capitalista quanto na socialista, por exemplo (HOHLFELDT, 2011:204).

Segundo Hohlfedlt (2011), os estudos em torno do *news-making* – que em uma tradução livre seria os fazedores de notícia – surgiriam a partir dos processos de *gatekeeping* verificados por Kurt Lewin<sup>7</sup> em

6 O autor deste trabalho foi apresentador do Jornal da TVE 2ª Edição, entre agosto de 2014 e abril de 2015, e apresentador substituto do mesmo telejornal entre julho de 2012 e agosto de 2013.

7 Psicólogo de origem alemã (1890-1947), naturalizado norte-americano para fugir ao nazismo, Kurt Lewin é considerado como o fundador da moderna Psicologia Experimental. Por toda carreira de 30 anos, dedi-

1947. Essa representa uma das teorias do Jornalismo que traz à tona haver uma espécie de lógica específica dos meios de comunicação de massa, que escapa aos ditames e interesses do receptor, que se expressam nas exigências de produção e expressão informacional, ressalta Hohlfedlt (2011). Conforme o autor, isso ocorre devido à criação de uma atmosfera e um conjunto de interexpectativas profissionais que predetermina o contexto de interpretação e valorização dos fatos.

O Jornal da TVE 2ª Edição, tem um *status* diferenciado em recursos humanos já que com a realização de concurso público em 2014, a realidade do quadro funcional no departamento de telejornalismo foge do quadro de enxugamento das redações da mídia eletrônica brasileira ao longo deste início de século XXI, tendo como um dos fatores a digitalização de processos. Uma das demonstrações disso é o fato de que existem jornalistas que atuam exclusivamente para o programa (produtores, chefe de reportagem, editor-chefe e editores), não impedindo o auxílio desses jornalistas ao atendimento às demandas de outros produtos informativos da emissora. A equipe de trabalho do Jornal da TVE 2ª Edição é composta por: um apresentador, um editor-chefe e um editor-assistente, além de dois editores e dois produtores e o chefe de reportagem. O editor-chefe e o editor-assistente ficam com a missão de revisar as matérias e elaborar o espelho<sup>8</sup>. Em maio, o programa passou a ter dois apresentadores. Recentemente, em junho, a FCP dispensou 38 estagiários que atuavam na FM Cultura e na TVE por uma decisão judicial que questiona o processo seletivo realizado pela Fundação de Recursos Humanos do Estado. O editor-chefe fica responsável por controlar o trabalho de produção e verificar o conteúdo do programa e, em caso de dúvida, levar aos gestores questões nas matérias envolvendo o governo do estado – seja reclamações de servidores por melhores salários ou tempo e necessidade de fala do governador em uma matéria, por exemplo. É dele a missão de coordenar o fluxo de informações que chegam à redação e priorizar os conteúdos que irão ao ar. O abastecimento de informações que poderão resultar em pautas vem da própria redação da emissora, sites do executivo e legislativo estadual e cou-se à área amplamente definida da motivação humana, descrevendo o comportamento humano dentro de total contexto social e físico.

8 É o cronograma de como o programa irá se desenvolver. Prevê a abertura, entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento. (WHITE, 2009:538). Neste trabalho, apresenta-se o espelho da edição de 29/04/2015 do Jornal da TVE 2ª Edição.

municipal e e-mails de assessorias de imprensa, além do monitoramento das redes sociais. É quase nula a participação dos telespectadores no envio de sugestão de pautas e interação pela internet. Percebe-se que o desafio do Jornal da TVE 2ª Edição era ser um contraponto, no sentido de olhares e aprofundamento das notícias, ao conteúdo exibido pelos telejornais das emissoras comerciais, o que não ocorre sobremaneira. O diferencial está no tempo das entrevistas utilizadas nas matérias (sonoras) que geralmente são superiores a 20 segundos e nos veículos concorrentes dificilmente ultrapassam os 15 segundos. Isso impacta no ritmo das reportagens. Como reforça (Becker 2005:83), “o ritmo do telejornal não resulta apenas do tempo de produção e veiculação de qualquer noticiário, a edição e o formato das matérias também são determinantes, ambos marcados pela brevidade”.

A construção do Jornal da TVE 2ª Edição começa

na manhã, quando são pensadas as pautas da tarde, e segue à tarde, quando são pensadas as pautas da manhã seguinte e que poderão ser (re)aproveitadas no jornal noturno. O tempo de duração do programa é, aproximadamente, de 28 minutos de conteúdo, dividido em três blocos. Uma rotina de *newsmaking* que exige agilidade e rigor nos processos para cumprimento do *deadline*, embora uma das máximas do jornalismo eletrônico não ecoe com força pela redação “notícia boa é notícia que vai ao ar”.

Outra prática é a sistematização do trabalho jornalístico. A divisão das tarefas é uma das rotinas: pauteiros, repórteres e editores têm funções específicas, embora estejam interligadas. A divisão em editorias também ajuda a organizar o trabalho. E o processo editorial, com hora de fechamento e cartão de ponto, encerra a trilogia organizacional (PENA, 2012:131).

O desafio é diário na arte de administrar o tempo do noticiário com a quantidade de produção de conteúdo, seja por dias de escassez de matéria prima de qualidade ou por excesso de informação.

A fase de preparação e apresentação dos acontecimentos dentro do formato e da duração dos noticiários consiste, precisamente, em anular os efeitos das limitações provocadas pela organização produtiva, para ‘restituir’ à informação o seu aspecto de espelho do que acontece na realidade exterior, independentemente do órgão informativo (WOLF, 1995: 219).

### As vozes do telejornal: quem tem vez e lugar?

Arlindo Machado (2000) sustenta que para realmente compreender como funciona um telejornal é preciso, portanto, abstrair os seus aspectos episódicos e enfrentar o desafio mais difícil, que é a sua forma significante.

O telejornal não pode ser encarado como um simples dispositivo de reflexão dos eventos, de natureza espetacular, ou como um mero recurso de aproximação daquilo que acontece alhures, mas antes como um efeito de mediação. A menos que nós próprios sejamos os protagonistas, os eventos surgem para nós, espectadores, mediados através de repórteres (literalmente: aqueles que reportam, aqueles que contam o que viram), porta-vozes, testemunhas oculares e toda uma multidão de sujeitos falantes considerados competentes para construir “versões” do que acontece. (MACHADO, 2000:102).

Percebe-se, assim, que o noticiário na televisão é um emaranhado de imagens e vozes para apresentar um fato, geralmente, em menos de dois minutos – que é o tempo máximo destinado às matérias nos principais telejornais do país. Evidentemente, que a duração de cada reportagem deveria ser determinada pelo grau de importância e repercussão da própria notícia ao público ao qual se destina.

Na construção desta notícia, diferentes ambientes e diferentes tons emocionais dão forma a como será contado acontecimento – ou seja, a sua estrutura narrativa. Para Machado (2000), tecnicamente falando, um telejornal é composto pela mistura de distintas fontes de imagem e som: gravações em fita, material de arquivo, fotografia, gráficos, mapas, textos, além da locução, música e ruídos. Mas, acima de tudo e fundamentalmente, o telejornal consiste de tomadas em primeiro plano enfocando pessoas que falam diretamente para a câmera.

O telejornal se constrói da mesma maneira, se endereça de forma semelhante ao telespectador, fala sempre no mesmo tom de voz e utiliza o mesmo repertório de imagens sob qualquer regime político, sob qualquer modelo de tutela institucional (privado ou público), sob qualquer patamar de progresso cultural ou econômico. (...) O telejornal é, antes de mais nada, o lugar de onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos. Sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como o seu discurso com relação aos fatos relatados (MACHADO, 2000:104).

DIA DA SEMANA E TURNO	ATIVIDADES DE PRODUÇÃO E EDIÇÃO DO PROGRAMA	OBSERVAÇÕES
De segunda a sexta-feira, das 13h às 14h	-Avaliação do programa anterior; -Reunião de pauta.	Participam os editores-chefes da 1ª e 2ª Edições do Jornal da TVE, os chefes de reportagem (manhã e tarde), o gerente e o chefe de jornalismo. Participação na reunião é aberta aos demais colegas da redação.
De segunda a sexta-feira, das 14h às 15h30	-Editor-chefe/assistente desenha o espelho;  -Edição das matérias e finalização.	As matérias produzidas e gravadas pela manhã e foram exibidas no Jornal da TVE 1ª Edição são (re)avaliadas para o seu aproveitamento à noite.
De segunda a sexta-feira, das 14h às 19h	-Edição das matérias e finalização. -Processo de recebimento de matérias de universidades do interior do estado.	As matérias que foram gravadas durante a tarde.
De segunda a sexta-feira, das 17h às 19h15	-Revisão das matérias e das cabeças <sup>11</sup> ; -Gravação da escalada pelo apresentador;	Esta é a parte mais crítica, pois o volume de conteúdo aumenta e há apenas duas ilhas de edição linear e dois editores de imagens disponíveis.
De segunda a sexta-feira, das 19h30 às 20h	-Programa exibido ao vivo.	O editor-chefe e o editor assistente vão para o suite com as fitas e dois editores permanecem na redação acompanhando o telejornal e em alerta para qualquer eventualidade.
Sábado e Domingo	Sem rotina de trabalho para produção, edição e apresentação do programa.	Equipe de reportagem faz matérias que serão utilizadas nos telejornais da emissora. Produtores e editores do Jornal da TVE 2ª Edição que estão de plantão atuam em outros programas jornalísticos da emissora.

1.1 QUADRO – Mapeamento da rotina de trabalho do telejornal em abril de 2015

PAG	RETRANÇA	LOC	ICAB	IVT	IMAT	FITA	APV	REPOR	TEMPO	EDITOR
01	ESCALADA			0:00	1:10	1:10		vfilho	19:30:00	----
02	VT ASSALTOS LOJAS			0:08	2:20	2:28		vfilho	19:30:07	alciid/pauli
03	VT MENINO DEUS	L/M		0:14	2:22	2:36	2833	carlos	19:31:17	marce/tch
04	VT MST TAPES	tapes		0:13	0:35	0:48	2297	vfilho	19:33:45	felipe/joao
05	VT TAXISTAS GPS			0:18	2:27	2:45	3482	vfilho	19:36:21	isabel/joao
06	1TEMPO METROPOLITANA			0:00	0:29	0:29	3970	clarissa	19:37:09	laura/felipe
07	A SEGUIR			0:14	0:17	0:31	4114	vfilho	19:39:54	vitor/evaldo
08	INTERVALO			1:00		1:00			19:40:23	----
09	2TEMPO CENTRO			0:00	0:32	0:32	2798	vfilho	19:40:54	laura/felipe
10	VT DIA DO RUÍDO	L/M		0:11	2:04	2:15	2627	simone	19:41:54	fabio
11	VV DIA DANÇA			0:14	1:30	1:44	0000	carlos	19:42:26	olegário
12	VV IMPOSTO RENDA			0:21	5:00	5:21	0000	vfilho	19:44:41	olegário
13	VT ILUSTRA			0:00	0:00	0:00	4065	vfilho	19:46:25	olegário
14	VV VOLTA EXTERNA			0:07	1:30	1:37	0000	vfilho	19:51:46	vitor/evaldo
15	3TEMPO SUL			0:00	0:30	0:30	1794	vfilho	19:51:46	vitor/evaldo
16	A SEGUIR			0:21	0:12	0:33		vfilho	19:53:23	laura/felipe
17	INTERVALO			1:00		1:00			19:53:53	----
18	4TEMPO NORTE			0:00	0:36	0:36	2805	vfilho	19:54:26	vitor/evaldo
19	VT CASAS DE MORADIAS			0:19	2:14	2:33	3578	angélica	19:55:26	laura/felipe
20	5TEMPO OESTE			0:00	0:33	0:33	3307	vfilho	19:56:02	isabel
21	VT TVE REPÓRTER			0:07	0:37	0:44	3067	vfilho	19:58:35	laura/felipe
22	VT ENCERRA			0:08	0:08	0:08	0000	vfilho	19:59:08	olegário
23	FIM			0:00	0:00	0:00			19:59:52	vitor
24	STAND-BY			0:00	0:00	0:00			20:00:00	----
25	VT UFRGS TOP			0:14	1:30	1:44		lisele		isabel
26	VT UNICEF HIV			0:15	2:08	2:23	1693	vfilho		alciides
27	VT CINTO DE SEGURANÇA			0:08	1:15	1:23	3420	clarissa		alciid/evaldo
28	VT MUSEU OCEANOGRÁFICO	RGR		0:15	2:10	2:25	1828	aldson		felipe
29	VT PERERCA RARA	NH		0:16	2:25	2:41	4085	vfilho		felipe
30	VT ESPORTE NA PRAÇA	PFU		0:31	2:05	2:36	3270	upftv		felipe
31	VT BASQUETE	L/M		0:16	1:12	1:28	4004	upftv		germano
32	VT ESCOLA IMPROVISADA	SLEO		0:25	2:09	2:34	3463	feevale		felipe
33	VT ESCOLA WALDORF			0:26	3:34	4:00	2464	vfilho		fabio/tch
34	ENCERRA MORAESZINHO			0:14	0:14	0:14				
35				0:00						vfilho
36				0:00		0:00				

1.2 – IMAGEM - Espelho da edição de 29 de abril de 2015.

Para Machado (2000), existem dois modelos básicos de telejornal: centralizado e opinativo e o polifônico. Ele justifica que, no primeiro caso, o âncora tem o poder de decidir sobre as vozes que entram e saem do noticiário. O segundo modelo é representado quando a equipe tem o mesmo peso e a mesma importância que o apresentador no momento da escolha da forma da condução de um relato, o que acontece no Jornal da TVE 2ª Edição.

O modelo polifônico de telejornalismo pode ser acusado, não sem razão, de tentar mascarar o fato de que toda produção da linguagem emana de alguém, ou de um grupo, ou de uma empresa, portanto nunca é o resultado de um consenso coletivo, mas de uma postura interpretativa “interessada” diante dos fatos noticiados. No entanto, ao contrário do modelo anterior, ele não pode ser acusado de atentar contra a inteligência do espectador ou de pressupor qualquer incapacidade interpretativa por parte da audiência (MACHADO, 2000:110).

Como reforça Arlindo Machado (2000), um modelo não pode ser em si melhor ou pior que o outro: é preciso examinar cada caso individual e sua conjuntura concreta. Portanto, retoma-se aqui a pergunta condutora deste trabalho: afinal, quem tem vez e voz no Jornal da TVE 2ª Edição? Um questionamento que se defronta com o papel de uma emissora pública e a prática jornalística a priori comprometida com o interesse público. Na busca por respostas, analisam-se quatro edições: 07, 08, 27 e 28 de abril de 2015, com critério de seleção aleatório, e verifica-se a relação entre os tipos de fontes e as editorias. As fontes, para este trabalho, são consideradas os entrevistados que dão depoimentos para as reportagens, ou seja, quem teve voz durante o noticiário e sua qualificação<sup>9</sup>. Para a categorização das editorias, observou-se o conteúdo temático da reportagem.

Na edição de 07 de abril de 2015, foram realizadas duas entrevistas ao vivo, uma por telefone e outra no estúdio, exibidas dez reportagens, além do quadro

9 Não se considera para efeito de análise a repetição da fala dos entrevistados (fontes) na reportagem e incluem-se as entrevistas realizadas ao vivo durante o programa.

10 Dentre a categorização proposta por Nilson Lage (2001), as fontes são divididas em a) fontes oficiais - geralmente aquelas mantidas pelo Estado, empresas ou organizações como sindicatos; b) fontes oficiosas - ligadas a uma entidade ou indivíduo, porém não falam em nome dela; c) fontes independentes englobam as organizações não institucionais. O autor ainda propõe ainda tipificações como fontes primárias e secundárias, além de experts e testemunhas.

fixo de cinco notas cobertas da previsão do tempo (região metropolitana, norte, sul, leste e oeste). Desse total, 25 fontes tiveram voz no programa, descontando-se uma enquete com a participação de três pessoas. As fontes oficiais (LAGE, 2001) corresponderam a 13 pessoas, as demais eram profissionais liberais, estudantes e autônomos [ 1.3 Gráfico].

Na edição de 08 de abril de 2015, ocorreu uma entrevista ao vivo, no estúdio, foram exibidas nove reportagens, além do quadro fixo de cinco notas cobertas da previsão do tempo. Desse total, 16 fontes falaram ao noticiário, além de uma enquete com a participação de duas pessoas. Metade correspondia a fontes oficiais, a outra metade era profissionais liberais, dona de casa, carroceiro e autônomos [ 1.4 Gráfico].

Na edição de 27 de abril de 2015, foi realizada uma entrevista ao vivo, no estúdio, exibidas sete reportagens, três notas cobertas, além do quadro fixo de cinco notas cobertas da previsão do tempo. Constatou-se que 21 fontes tiveram voz no programa, sem considerar uma enquete com a participação de duas pessoas. Observa-se que sete eram fontes oficiais e as demais profissionais liberais, guardador de carro, estudante e autônomos [ 1.5 Gráfico].

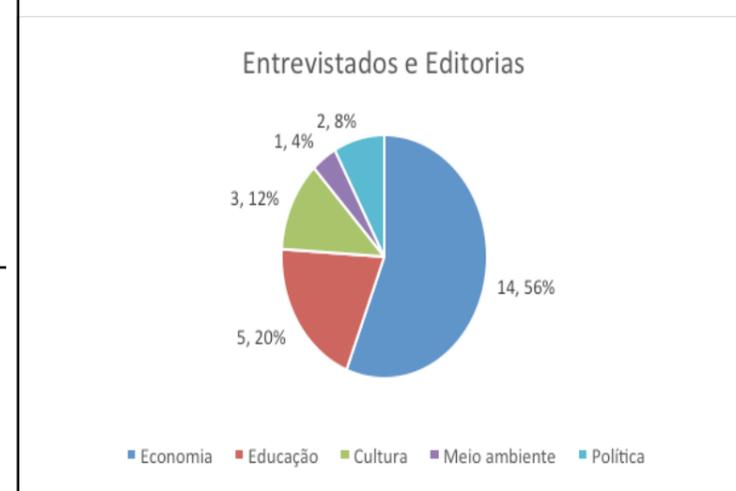
Na edição de 28 de abril de 2015, foi realizada uma entrevista ao vivo, no estúdio, exibidas oito reportagens, três notas cobertas, além do quadro fixo de cinco notas cobertas da previsão do tempo (região metropolitana, norte, sul, leste e oeste). Desse total, 21 fontes participaram do telejornal, excetuando-se duas enquetes com a participação de cinco pessoas. Observa-se que dez eram fontes oficiais e as demais profissionais liberais, aposentado, estudante e autônomos [ 1.6 Gráfico].

A partir da análise das quatro edições em dias aleatórios, constatou-se que as fontes oficiais predominam na exibição do telejornal. O critério tempo de depoimento não foi contemplado neste estudo, o que pode vir a ser motivo de novas pesquisas.

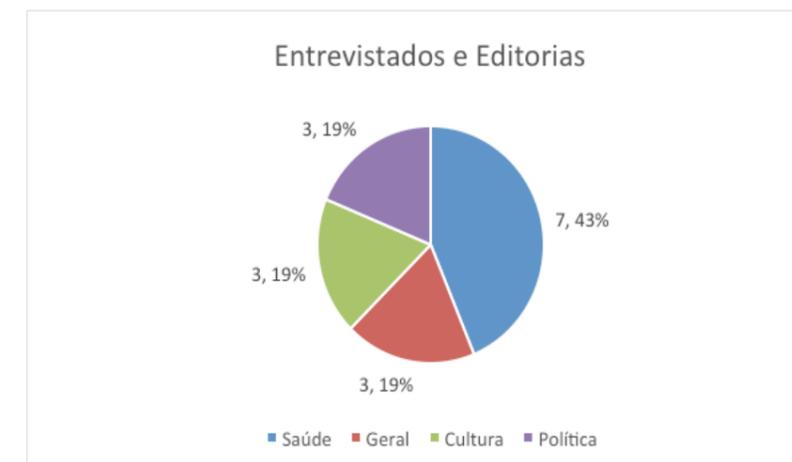
Muitas vezes, as marcas enunciativas dos telejornais não deixam dúvidas quanto à existência de um jornal de ricos e um jornal de pobres ou um jornal de vencedores e de excluídos. Há poucas iniciativas de representação das diferenças sociais e culturais (BECKER, 2005: 91).

O que se busca, neste trabalho, é verificar quem efetivamente tem espaço e voz em uma emissora que utiliza a televisão pública como bandeira, mas que do ponto de vista de financiamento e gestão traduz-se em uma televisão estatal. Becker (2005) revela que

1.3 Gráfico – Relação entre editoria e entrevistados no programa em 07.04.15.



1.4 Gráfico – Relação entre editoria e entrevistados no programa em 08.04.15.



1.5 Gráfico – Relação entre editoria e entrevistados no programa em 27.04.15



1.6 Gráfico – Relação entre editoria e entrevistados no programa em 28.04.15.



os desafios ao telejornalismo, independentemente do tipo comercial, estatal ou público, são grandes.

Os telejornais ainda não oferecem um espaço digno para a população brasileira. Mesmo com a atual tendência de ampliar a participação do anônimo, incorporar a sua fala para buscar maior empatia, cumplicidade e audiência, especialmente nos telejornais locais (BECKER, 2005:91).

Vislumbra-se que esse cenário também contempla o Jornal da TVE 2ª Edição, que necessita ampliar as pautas de prestação de serviço e a diversidade de fontes não oficiais. Menos gabinetes e mais ruas convergem como um caminho para quem busca audiência, ainda que não sofra a pressão dos números do IBOPE que suas concorrentes comerciais. Se de um lado, a TVE não faz concessões ao sensacionalismo televisivo e promove reflexões aprofundadas em determinados momentos, por outro, excede no espaço aos políticos e gestores públicos e é tímida na cobrança da qualidade do serviço público, independente da esfera. Percebe-se ainda que a influência política permeia as rotinas de produção. Os altos postos da gestão da Fundação Cultural Piratini são de cargos em comissão e, por consequência, não estimulam a realização de matérias de denúncia de fraudes ou que mostrem a precariedade e as incongruências do serviço público. Implicitamente ninguém está autorizado a construir pautas que resultem em críticas emblemáticas ao modelo de gestão, exceto no caso recorrente e histórico de divergência salarial entre o magistério e o governo gaúcho.

Outro empecilho na conquista da audiência está na interatividade com o público tanto no recebimento de sugestões de pauta quando na voz do cidadão. Além disso, a inexistência de correspondentes ou afiliadas no interior gaúcho impede uma visão plena regional e fica à mercê de convênios com televisões universitárias para um fluxo contínuo com outras paisagens e entrevistados diversificados. O desafio está posto: encontrar pautas capazes de estimular a cidadania e dar voz para quem não tem espaço na sociedade e na mídia comercial. Para Barbeiro e Lima (2002), a principal característica de uma emissora pública é o comprometimento com o interesse público, considerando o telespectador um cidadão e não apenas um consumidor de notícias como outro produto qualquer. O telejornal polifônico na concepção proposta por Machado (2000) e a necessidade da representação das diferenças sociais e culturais nos noticiários indicado por Becker (2005) são pontos centrais para a reflexão de um novo fazer jornalístico no Jornal da

TVE 2ª Edição. A pluralidade de ideias e visões de mundo é um passo determinante na conquista da audiência e consagração do (tele) jornalismo.

Para ser referência em telejornalismo, uma emissora precisa, fundamentalmente, de qualidade e de credibilidade junto ao público. O que, em tempos de convergência midiática e digitalização dos processos, são vias de mão dupla em que a preocupação do veículo está em alcançar visibilidade na região e a do cidadão, na contemplação dos seus interesses nessa *localidade*.

### Considerações Finais

A teoria do *newsmaking* traz como mensagem o fato de que o jornalismo não é o espelho da realidade, mas o ajuda a construí-la. E permite desmistificar o paradigma da manipulação intencional da mídia para compreender as manipulações do prisma produtivo, diante das rotinas de produção e construção dos produtos jornalísticos, sem deixar de lado a existência de fatores extrajornalísticos. Nesse contexto, a indagação presente é como fazer telejornalismo em uma emissora mantida pelo Estado, sem exceder no espaço concedido a fontes oficiais e contemplar pautas aprofundadas e diferentes das televisões abertas comerciais?

O histórico da Fundação Cultural Piratini demonstra a situação de dependência ao Estado, um vínculo que se dá através da nomeação da Diretoria Executiva e do financiamento pelo orçamento estadual. Entraves que precisam ser vencidos, por exemplo, com a destinação de um percentual fixo de verbas publicitárias das autarquias e secretarias do governo, dando fôlego e continuidade ao repasse de recursos, independente do partido/coligação que estiver à frente do Palácio Piratini. A constante necessidade de ter um produto jornalístico diário, sem apelar ao sensacionalismo como estratégia, é um desafio permanente ao Jornal da TVE 2ª Edição. Uma resposta possível seria a aposta no jornalismo humanizador, que transcende o lead – o quê, quem, quando, onde, como e por quê? – e avança com a seguinte pergunta: em que contexto?

O fato é que não existe receita que promova a solidez da credibilidade e a permanência da audiência, na televisão, sem o foco na prestação de serviço e no compromisso social. Preceitos que reforçam a importância do conteúdo regional e da televisão comprometida com a sua aldeia e o seu respectivo público – na busca por dar voz às vozes ou silenciá-las, para contar uma história.

### Referências

- BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. *Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- BECKER, B. *A Linguagem do Telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos de descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- CURADO, O. *A Notícia na TV: o dia a dia de quem faz Telejornalismo*. São Paulo: Alegro, 2002.
- HOHLFELDT, A.; MARTINO, LCM; VEIGA, V. (organizadores). *Teorias da Comunicação*. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- IJUIM, JK. *Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem*. Covilhã - Portugal: Labcom, 2013.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PENA, F. *Teoria do Jornalismo*. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- WHITE, T. *Jornalismo Eletrônico: redação, reportagem e produção*. São Paulo: Roca, 2008.
- WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1995.

#### Site

FUNDAÇÃO CULTURAL PIRATINI. Disponível em [www.fcp.rs.gov.br](http://www.fcp.rs.gov.br). Acesso em 20 de maio de 2015.